

Paixão, violência e desumanização

Carlos Augusto Ferrari Filho*, Porto Alegre

Se, e quando, a paixão é potência sublimatória e atua predominantemente em termos de Édipo, tem-se no cultural um movimento no sentido da penosa busca da verdade psíquica em um determinado momento histórico. Em seu oposto, quando a paixão se ancora em Narciso, vivem-se tempos problemáticos, durante os quais a desmentida dá as cartas. Assim, a paixão, enquanto movimento libidinal objetualizante, torna-se importante elo na cadeia do processo civilizatório e, portanto, na humanização do sujeito. Tudo ocorre ao contrário se os tempos ficam sob a égide de Narciso. Discutir-se-á, brevemente, o papel (des)estruturante da paixão na função simbolização da pulsão. Abordar-se-ão as relações entre verdade histórica e psíquica, duas das metáforas possíveis quando se tenta compreender e apreender a realidade. Considerar-se-á superficialmente a questão da palavra encobridora, ou seja, quando esta descumpra sua vocação como reveladora da pulsão, transformando-se em discurso que serve para encobrir um determinado momento pulsional, movimento desorganizador que impacta as relações sujeito-objeto, tanto no individual como no social. Discutir-se-á, por fim, a lógica de um tempo contemporâneo no qual as relações sujeito-objeto encontram-se matizadas excessivamente pela força de paixões deslocadas no sentido de Narciso.

Palavras-chave: paixão, simbolização, pulsão, Narciso, violência, contemporâneo, verdade, cultura.

* Psicanalista e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Introdução

Se, e quando, a paixão é potência sublimatória e atua predominantemente em termos de Édipo, tem-se na vida cultural um movimento no sentido da penosa busca da verdade psíquica em um determinado momento histórico. Em seu oposto, quando a paixão ancora-se em Narciso, vivem-se tempos problemáticos, nos quais a desmentida dá as cartas. Assim, a paixão, enquanto movimento libidinal objetualizante, torna-se importante elo na cadeia do processo civilizatório e, portanto, na humanização do sujeito. Tudo ocorre ao contrário se os tempos ficam sob a égide de Narciso.

No início do século XX perdia força a fé no poder ilimitado da ciência, crença que demarcou a utopia da modernidade, naquele que foi um tempo de certezas. Nos tempos contemporâneos, caracterizados por um novo pico no mal-estar em relação ao processo civilizatório, vive-se sob a égide da relatividade. Nesta época, em que a globalização e a revolução tecnológica digital levam à instantaneidade na comunicação, o marco do virtual desestabiliza a dimensão tempo-espaço e, portanto, no tocante à psicanálise, questiona, relativizando, a noção da distância sujeito-objeto.

Só para ater-se a uma pergunta, considerando uma perspectiva que inclua as próximas décadas, até quando, mas principalmente como, manter-se-á intocado o sagrado *setting* presencial no encontro analisando-analista, definidor do espaço de análise, no qual aqueles dois seres humanos trabalham em prol do que, desde Freud, chama-se psicanálise? Não se conhece o fim deste capítulo da história, mas, já se sabe, todas as disciplinas do conhecimento sentem em seus arcaibouços teóricos os tremores produzidos por questionamentos em relação a sua própria raiz epistêmica.

Discutir-se-á, brevemente, o papel (des)estruturante da paixão na função simbolização da pulsão. De início abordam-se as relações entre verdade histórica e psíquica, duas das metáforas possíveis quando se tenta compreender e apreender a realidade. Considerar-se-á superficialmente a questão da palavra encobridora, ou seja, quando esta descumpra sua vocação de reveladora da pulsão, transformando-se em discurso que serve para encobrir um determinado momento pulsional, movimento esse desorganizador, que impacta as relações sujeito-objeto, tanto em nível individual como social. Discutir-se-á, por fim, a lógica de um tempo contemporâneo no qual as relações sujeito-objeto encontram-se matizadas excessivamente pela força de paixões deslocadas no sentido de Narciso.

Violência no contemporâneo

O título deste tópico já nos inquieta. A que violência e, especialmente, a que contemporâneo aludimos? Se a agressividade e um dos seus produtos, a violência, pertencem à paisagem humana desde os primórdios da espécie, reconhece-se aqui a indispensável necessidade dessa distinção, fato que nos leva a pensar que a única forma de violência que nos toca direta e efetivamente é esta do nosso tempo, ou seja, a violência contemporânea. Agamben (2009) fala sobre os riscos de o sujeito confundir-se com e em sua própria dimensão espaço-tempo.

A contemporaneidade é, pois, uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distância dele. Mais exatamente, é essa relação com o tempo que adere a este, por meio de uma defasagem e de um anacronismo. Os que coincidem de um modo excessivamente absoluto com a época, que concordam perfeitamente com ela, não são contemporâneos, porque, justamente por essa razão, não conseguem vê-la, não podem manter seu olhar fixo nela (s/p.).

Muitos são os vértices possíveis para pensar-se a violência. Aqui, neste trabalho, estaremos voltados para aqueles fenômenos no mundo interno que parecem contribuir para a violência. Estaremos considerando os fatores que levam ao afrouxamento dos limites sujeito-objeto, fato no qual se observa o afrouxamento do superego, que, ao se acompanhar de um estreitamento da função juízo crítico, perturba, por consequência, o princípio da realidade. Quando o sujeito percebe, por exemplo, que, atrás de um pseudodiscurso em nome da liberdade de expressão, há uma intenção (desmentida) de desestabilizar, seja em termos do mundo interno, atacando a vigência da distinção edípica, seja no plano externo, confundindo as fronteiras entre o certo e errado, não é o caso de reconhecer-se que se está frente a uma violência intolerável, em termos da noção de segurança do *self*?

Quando nos sentimos radicalmente vulneráveis frente à violência, pensamos em mudar para um lugar diferente, mais seguro. Depois de décadas assistindo aos movimentos migratórios dos países não desenvolvidos em direção aos desenvolvidos, agora vê-se, não sem surpresa, que se inverte esse fluxo. Também nestes países, descobriu-se, vive-se em sobressalto com a violência do desemprego, da falta de perspectivas, do colapso dos projetos nacionais etc. Assim sendo, experimenta-se algo que escapa às explicações de sempre, de cunho apenas econômico ou político. Ocorre, tudo o que indica, a exaustão de um discurso que não parece dar conta da realidade. Observando-se a crise da cultura da modernidade

que já dura um século, passa-se de um tempo de certezas ancorado em Édipo para um tempo contemporâneo dominado pela relativização, pelas dúvidas geradas pela aproximação a zonas demarcadas pela indiferenciação e desobjetalização (Green, 2010), características do território de Narciso. Será que o homem contemporâneo começa a perceber que a efetiva migração a ser feita é a penosa caminhada de reaproximação a Édipo?

Situações para serem pensadas

Durante 2013 viveu-se no Brasil a expectativa do voto que decidiria o julgamento do mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF). Dizia-se que havia forças e interesses políticos sobrepostos à busca da verdade, diminuindo ou impedindo que neste caso o tribunal fizesse justiça. Em outro momento histórico de aguda responsabilidade, a comunidade internacional, também em 2013, observava, em suspenso, a decisão sobre um eventual ataque militar à Síria, sob a alegação de ser insuportável para o mundo ocidental civilizado o fato de que, na guerra civil síria, as forças do governo tivessem operado um massacre civil através do uso de armas químicas. O governo sírio não negava que essas mortes tivessem ocorrido devido ao uso de armas químicas, mas acusava o exército rebelde por esse crime.

Durante a década de 2010 a sociedade americana discutia qual o encaminhamento a dar à prisão de Guantánamo, uma base militar americana em solo cubano, transformada em penitenciária para suspeitos de atos de terrorismo contra o ocidente. O vazamento de informações, sempre negadas, sobre a ocorrência de torturas autorizadas pelo governo produziu uma discussão ampla na sociedade americana sobre os limites e a legitimidade dessa situação. Em 2014, após sucessivas protelações, o governo acenou com providências tais como a transferência de alguns presos para outros países. O Uruguai foi um desses países que discutiu diplomaticamente a possibilidade de receber tais presos. Poder-se-ia continuar esses relatos sobre o ser contemporâneo e em todos nos perguntaríamos, entre a perplexidade e o vazio das respostas: onde está a verdade?

Do indivíduo em direção ao cultural

Faz sentido pensar-se nas paixões e suas vicissitudes, por exemplo, na dimensão da subjetivação do sujeito, difícil processo evolutivo no sentido da

individação. Muitas vezes é nesses caminhos entre Édipo e Narciso que o sujeito deve deparar-se com a força, nem sempre construtiva, da paixão. Dir-se-ia que, no enamoramento enquanto paixão, “o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, [assim] quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto, [objeto esse] que serve de sucedâneo para algum ideal do ego de nós mesmos” (Freud, 1921, p. 143).

É essa a lógica que configura a clássica fórmula freudiana sobre o apaixonamento – “o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego” (Freud, 1921, p. 144) – lógica que, portanto, configura a compreensão da dor dessa perda: “Nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (Freud, 1930, p. 101). Se, na perspectiva do ontogenético, o elemento determinante é o registro do paraíso narcísico, cabe agora voltar-se em direção ao transgeracional.

Freud diz: “[...] Tomei como base a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais, exatamente como acontece na mente de um indivíduo” (Freud, 1913, p. 187). No seio da família primeva, ou melhor, dentro do ajuntamento de famílias que integravam a horda primitiva, se estabelece um enquadre possível para o surgimento do social. Segundo a hipótese de que a morte do pai primevo pôs fim à horda patriarcal, na vida do homem primitivo “a realidade psíquica coincidiu com a realidade concreta [histórica]” (p. 190).

Certo dia os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai [...]. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo, o que lhes teria sido impossível fazer individualmente [...] [e] pelo ato de devorá-lo, realizaram a identificação com ele. A refeição totêmica que é talvez o mais antigo festival da humanidade [...] foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (Freud, 1913, p. 170).

É nesse contexto de intimidade social primeva que o homem/humanidade pôde, talvez, experimentar o nascimento do que se poderia chamar de simbolização compartilhada de vivências socialmente significativas. É possível especular sobre a importância decisiva desse fantasiar coletivo pré-histórico. Dividir experiências que narravam a tênue fronteira entre a vida e a morte, a funcionar talvez quase como um espaço pré-psíquico, viria, ao longo do tempo, através da predominância das experiências de vida, ajudar o sujeito em sua luta pela sobrevivência psíquica frente ao terror traumático das forças da natureza.

Freud utilizou os pressupostos psicanalíticos ao passar da compreensão do

indivíduo para a descrição do social. Ao mesmo tempo, essa narrativa do social contribuiu para ilustrar e confirmar numa dimensão macro, em termos de tempo, história e espaço externo, os fenômenos do mundo interno, isto é, do inconsciente.

Ao demonstrar a lógica evolucionista contida, por exemplo, na passagem do panteísmo para o monoteísmo, Freud (1927) afirma que a doutrina religiosa comunica uma verdade histórica – mataram o pai primitivo. Sua mensagem, a promessa de paz e segurança eternas, é a expressão de uma necessidade humana ancestral.

[O] desamparo infantil despertou a necessidade de proteção – proteção através do amor – que é satisfeito pelo pai [...]. Através da ação bondosa da providência divina, o medo aos perigos da vida é atenuado; a instituição de uma ordem moral universal assegura o cumprimento da exigência de justiça (p. 83).

Os deuses personificavam, no psíquico, à semelhança de uma cicatriz, o poder da pulsão. Quando descreve o homem social, Freud (1913) acentua o eterno conflito entre os interesses individuais e a vida coletiva. O ser humano não supera o estado primitivo enquanto não rompe com o individualismo egoísta. “A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização” (p. 115). Essa revolução instaura a evolução da espécie e funda o dilema que parece sem saída. “A proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou” (Freud, 1913, p. 124), tem como sua contraparte indissociável o fato de que, sem ela, não haveria civilização.

A cultura é como um precipitado que decanta do processo civilizatório pós-repressão. Nesse percurso, o pulsional, preso aos interesses individuais, deve dar lugar ao âmbito da cultura, que reconhece em seu horizonte o bem-estar comum. “Toda cultura repousa sobre a coerção ao trabalho e a renúncia aos impulsos” (*Op. cit.*, p. 44). É a proibição e a privação dos desejos atávicos, como o incesto, o parricídio e o canibalismo, o passo a disponibilizar o espaço de transubjetivação do sujeito. Ratificando o pressuposto freudiano, a repressão instintual disponibiliza no psíquico as pré-condições para a fundação de uma ética, das normas e leis, enfim, do social.

O equilíbrio desse todo, que depende do trabalho de elaboração feito através do processo civilizatório, repercute no campo psíquico transubjetivo. A culpa, agressão que se volta para o ego, reeditada como ação do superego, manifesta-se

no social como o mal-estar em relação à civilização. Essa culpa atávica, pelo ataque ao pai primevo, ecoa simbolicamente através dos tempos.

Tempo de crises, o Holocausto

Freud alerta sobre a problemática envolvida com os efeitos da pulsão desfusionada. Desde sempre a humanidade convive com o temor do seu aniquilamento total. Nos tempos primitivos o poder das forças da natureza representava uma ameaça real e constante, mas, à medida que avança o processo civilizatório, o verdadeiro perigo é a eclosão de rompantes de destrutividade. Freud refere-se a duas situações distintas no acontecer pulsional que têm repercussão direta no processo civilizatório. A primeira é um estado de normalidade, no qual repressão, elaboração e sublimação estão presentes e no qual se percebe o avanço da civilização em etapas que se medem em séculos. Exemplo disso é a evolução histórica da religião, com ênfase no aparecimento do monoteísmo, episódio que Freud entende como o retorno do reprimido. Uma segunda condição é a situação de crise, com o colapso parcial da repressão, a esvaziar o processo civilizatório. Como exemplo se têm os últimos 150 anos, período que corresponde ao crescente enfraquecimento do arcabouço referencial da modernidade. Nessa época aconteceram as duas grandes guerras, ambas testemunhadas por Freud.

A intensidade e qualidade do mal-estar em relação à civilização não estariam a indicar as mudanças do acontecer pulsional? Em seu estudo sobre as crises históricas, Ortega y Gasset (1933) destaca a importância de se prestar atenção nessas mensagens. Quando realidade histórica e realidade psíquica entram em descompasso, o homem sente-se solto, descompromissado, problematizado em relação a sua cultura. Como diz esse autor:

A cultura é a interpretação que o homem dá a sua vida, [é] a série de soluções mais ou menos satisfatórias que inventa para simplificar seus problemas e necessidades vitais [...]. [No estado nascente de uma cultura] “estas soluções são ideias, valores, entusiasmos, estilos de pensamento, da arte e do direito, que emanam sinceramente do fundo radical do homem” [...]. O homem, quando herdeiro de um sistema cultural, [acostuma-se] a usar modos mentais [de outros] [...]. [Ele] vive sobre um sistema de opiniões alheias, de outros Eus, daquilo que está na atmosfera, no espírito dos tempos, em um Eu coletivo, convencional. A cultura, produto da autenticidade vital, já que

procede de angústias terríveis ou entusiasmo ardente, [...] acaba por tornar-se falsificação da vida [...]. O homem demasiado aculturado necessita radicalmente de outra cultura que seja autêntica. [Esta] só pode iniciar-se [a partir] do próprio Eu, [ou seja, nessa hora o homem] tem que voltar a tomar contato consigo mesmo. “Essa coisa que parece tão fácil – ser si mesmo – se converte em problema terrível”. Não tem, pois, outro remédio que arremeter-se contra essa cultura, sacudi-la, desnudar-se dela, para colocar-se novamente frente ao universo, em carne viva, e voltar a viver de verdade (p. 77, 78 e 80).

O período a que se refere Ortega y Gasset compreende a época entre 1350 e 1650, o que inclui o Renascimento, seu momento central, e aponta para a Idade Moderna, fase histórica seguinte. Ele se refere a estar “*em carne viva, frente ao universo*”, metáfora que nos remete à descrição de Freud sobre uma época primitiva, durante os acontecimentos fundantes do social, quando se fica em uma homeostase entre o psíquico e o histórico. É em situações como essa que o homem consegue estabelecer grandes marcos em seu caminho civilizatório. Quando em crise, ao contrário, a cultura desestabiliza-se, aumenta o mal-estar e algo, que se poderia chamar de tempestades pulsionais, pode ocorrer. O século que passou foi pródigo nesse sentido. O pico criativo, do qual a psicanálise é um dos frutos, acompanhou-se concomitante e paralelamente, de destrutividade, maldade e violência quase incompreensíveis.

Como se estabelece a estrutura em tempos de crise? Em seu trabalho *A divisão do Ego no processo de defesa*, Freud (1938) demonstra a universalidade da estrutura defensiva perversa. Através da clivagem do ego e da desmentida *Verleugnung* da castração, cria-se no sujeito uma zona de ambiguidades que permite, no campo do discurso, a fetichização da verdade. Desaparecem os limites entre o certo e o errado, as diferenças entre o mal e o bem. Desmentida a verdade psíquica, o sujeito cria sua versão da realidade histórica, postíça, manipulável e permeável aos interesses narcísicos.

Se na situação de normalidade poder-se-ia falar na paixão como elemento sublimatório da pulsão a serviço da descoberta/construção do objeto, nas crises, tempo de maior incidência da pulsão desligada, tem-se a desobjetualização (Green, 2010), força do negativo que apaga a singularidade do outro, operando no sentido da desumanização. Em épocas de crise, a nosso ver, estabelece-se na cultura a prevalência dessa estrutura perversa desumanizante. A insurreição contra o controle superegoico, efetivada pela aliança entre a instância egoica e o ego ideal, minimiza ou faz desaparecer a coerência entre discurso e prática no âmbito da cultura,

coerência que caracteriza a estrutura neurótica, presente nos tempos da normalidade. A clivagem do ego parece reproduzir-se no cultural como dissociação entre discurso e prática. Desaparecendo a culpa, tudo se torna permitido. Esse movimento na estrutura, que desloca regressivamente o ético do genital para o onipotente do narcísico, acompanha-se da apercepção, pela desmentida, do ritmo pulsional daquele momento histórico. Desmentida a intoxicação por Eros e/ou Thánatos, abrem-se no social as portas para os excessos, em nome da construção de uma nova pseudo-organização do espaço cultural, quase sempre moldada a partir da idealização narcísica. A desobjetalização (Green, 2010), o apagamento da consciência civilizatória e a assunção do perverso funcionariam como derradeira barreira antes do caos maligno da (des)estrutura(ção) psicótica.

“A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esses instintos, em grande parte para fora [...] no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder” (Freud, 1924, p. 204). E não é esse o caso do ser contemporâneo, em quem a vontade de poder torna-se paixão pelo poder e a necessidade de domínio não aceita limites?

No caminho pulsional descrito por Freud, a relação com o objeto é, simultaneamente, destino possível e alternativa de significação para a pulsão. No cultural, a função objeto complexiza-se ao se abrir para um outro que é plural. Nessa metáfora *objeto plural*, convivem as múltiplas identidades do eu, o que inclui a noção de pertencer à família, ao grupo, à instituição, à sua geração etc., em uma sucessão de círculos concêntricos, de raio crescente, em direção ao todo da cultura, de forma tal que no centro se mantém o sujeito.

É a partir das relações com um objeto plural que a função representabilidade da pulsão se efetiva no cultural. Por consequência, o que se poderia chamar como o representacional daquilo que é compartilhado socialmente vai se estabelecendo para o sujeito. No campo do cultural transparece, amplificado ao infinito, o que se passa com o indivíduo. “O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia” (Freud, 1933, p. 254). Assim, sempre retorna a questão de como lidar com a destrutividade, uma das faces da pulsão.

[Como fazer frente a esse] demoníaco poder da compulsão à repetição [...] que pode ser encontrado em diferentes expressões do fundamentalismo, assim como em diferenças sociais e econômicas tão brutais que mantêm milhões de pessoas condenadas à fome, doenças e à morte prematura, ou no qual agressões sistemáticas ao meio ambiente ameaçam o mundo que partilhamos? (Eizirik, 2008, p. 13).

Na normalidade se pensaria em representabilidade e simbolização funcionantes e na presença de um ritmo pulsional regular. Na crise é preciso sair em busca de novas panfantasias, já que as existentes não mais seguram a estruturação do simbólico compartilhado. É necessário “*colocar-se novamente frente ao universo, em carne viva, e voltar a viver de verdade*”, como disse Ortega y Gasset.

Pensar-se-ia em problematização da representabilidade e na patologia do ritmo pulsional. O (r)evolucionário é a reconstrução de uma nova ordem simbólica partilhada, que permita uma nova construção do representacional em zonas onde “o psíquico some sob o silêncio disruptivo da pulsão de morte” (Faria, 2005, p. 47). Variações de qualidade e quantidade determinam a cadência pulsional. Em tempos de crise aumenta o mal-estar na cultura e diminui a consciência civilizatória. São épocas propícias à ocorrência de *tempestades pulsionais* e às consequências de algo que se poderia chamar de *vórtice da maldade*.

O *vórtice da maldade*, metáfora que alude a uma potência de destruição, insaciável e voraz, é sintoma do descompasso entre realidade histórica e realidade psíquica, situação decorrente de problemas no campo do cultural gerados pela alteração do ritmo pulsional e da função representabilidade da pulsão. Olhando o todo do campo do cultural na época que antecedeu ao Holocausto, visualiza-se certa efervescência. No início do século XX vivia-se a crise da fé no poder ilimitado da ciência, esperança que demarcou a utopia da modernidade. Os ventos trazidos pelo desejo de mudança eram ignorados pelo *establishment*, mas as fronteiras e o espírito da Europa do século XIX literalmente desfaziam-se. O nazi-fascismo era vendido como alternativa, inclusive bélica, capaz de enfrentar o avanço do comunismo. O poder europeu comprou essa ideia.

Não parece realista olhar para as duas grandes guerras como eventos individualizados. Do ponto de vista do acontecer pulsional elas podem ser entendidas como duas fases do mesmo episódio de destrutividade. Quando a raiz do problema já não é o desacordo de ideias, mas sim a falta delas, ou melhor, a ausência do significante para a pulsão, o homem volta a guerrear. Onde e como inicia o *vórtice da maldade*? Visualiza-se uma força que, como um *tsunami*, galvaniza indivíduos e coletivos em direção à contaminação de toda a sociedade. É possível distinguir uma espécie de núcleo de ódio, expressão da pulsão de morte desfusionada, em torno de Hitler e sua cúpula, a partir do qual corporificou-se o partido nazista. Esses elementos representaram o embrião do mecanismo que, após cooptação do Estado e captura da sociedade, materializou o horror do Holocausto.

Além desse exemplo maior, evidentemente existem outras formas de

violência, menos eloquentes, mas igualmente corrosivas, como os ataques desorganizadores àquilo que nomeamos como verdades socialmente validadas em nosso tempo contemporâneo.

Comentários

Em um tempo contemporâneo demarcado pela relativização, em que a busca da verdade se faz mais complexa, o sujeito defronta-se com o efeito confusionante da palavra encobridora. Nessa relação recursiva entre ambiente excessivamente permissivo e um sujeito social insuficientemente diferenciado, se estabelece um ciclo propenso às violências que decorrem da indistinção sujeito-objeto, entre certo e errado, o bem e o mal, em um jogo no qual modelos narcísicos socialmente validados valorizam uma cultura da indiferenciação.

Por exemplo, o STF é, ou deveria ser, o guardião da justiça em nosso país. Onde está a verdade quando se forma um fosso entre a noção coletiva de um povo sobre o que é justo e a justiça possível? O elemento político que transparece na decisão do colegiado, ocorrência natural em uma democracia, se for percebido como um instrumento na luta pelo poder, é desumanizante. Na medida em que se afasta do fazer justiça, uma legítima aspiração do processo civilizatório, o jogo político transforma-se em farsa perversa. Colocados frente a frente, a unanimidade pública e a decisão colegiada, cristaliza-se uma ruptura, não do estado de direito, mas da confiança de que o Estado seja capaz de garantir o direito. Cabe a pergunta: – Onde está a verdade? Se não nos identificamos com a versão oficial, nos sentimos mal, em um movimento que, ampliado em direção ao todo, cabe nomear-se como parte do mal-estar atual na cultura.

Como sempre, para entender-se esse momento histórico paradoxal e todas suas peculiares contradições, é preciso voltar à subjetivação do sujeito. É ali, no espaço de ausência de representações simbólicas, que mais uma vez o processo civilizatório coloca o ser humano em cheque. Em tempos de crise parece retornar o dilema ancestral: como evitar a barbárie? Como manter-se no civilizatório quando o desejo pelo exercício do poder parece (re)atualizar perigosamente o registro filogenético de um tempo, o da horda primeva, em que o gozo do poder cruel e absoluto era permitido ao macho dominante?

Caso semelhante parece ser o do desejo de intervenção das potências militares dominantes em nações dominadas, quando o discurso em nome da defesa de uma hipotética ética global, ou no mínimo ocidental, mal disfarça a intenção de satisfazer interesses econômicos ou de natureza geopolítica. Mas, e se o Estado

está efetivamente agindo mal, inclusive contra seu próprio povo, como tudo indica ser o caso da Síria, onde está a verdade? O que é fazer-se justiça, desiderato maior dessa ancestral caminhada civilizatória? O que pensar quando a nomeada maior democracia do planeta atropela a lei e a ética, ao tolerar o uso da tortura dentro de uma *Realpolitik* em que os fins justificam os meios? É através da dissociação entre prática e discurso, situação em que a palavra esconde ao invés de revelar a pulsão, que a paixão ancorada em Narciso constitui movimento desumanizante de (des)subjetivação do sujeito e de coisificação do objeto.

Instituir um olhar para a violência a partir de uma perspectiva metapsicológica, antes de ser tentativa reducionista, pretende contribuir ao estudo das relações da intersubjetividade com a cultura, já que um influencia o outro recursivamente. □

Abstract

Violence, passion and dehumanization

If (and when) passion is a sublimatory potency that acts mostly in terms of Oedipus, it occurs, in a certain historic moment of the cultural field, a movement towards the painful search for the truth. On the other hand, when Narcissus anchors passion, we face problematic times, dictated by denial. Therefore, as an objectalizing libidinal movement, passion becomes an important link in the chain of the civilization process, hence, in the humanization process of the subject. Otherwise, if times stands under the aegis of Narcissus, everything comes to the opposite. The paper briefly discusses the (de)structuring role of passion in the function of drive-symbolization. It also brings up historical and psychic truth as two possible metaphors on behalf of the will to understand and apprehend reality. It is superficially approached the disguising word issue, that acts in order not to reveal the drive, but to convert itself into a discourse that masks a certain moment of the drive, generating an impact movement that desorganizes the subject-object relationship, either on social or individual setting. Bringing to an end, it discusses the contemporary time logic, in which the strength of narcissistic passions shades the subject-object relationship.

Keywords: symbolization, drive, Narcissus, violence, contemporary, truth, culture.

Resumen

Pasión, violencia y deshumanización

Si, y cuando, la pasión es potencia sublimatoria y actúa predominantemente en términos de Edipo, se tiene, en lo cultural, movimiento en el sentido de la penosa búsqueda psíquica en un determinado momento histórico. En su opuesto, cuando la pasión se ancla en Narciso, se viven tiempos problemáticos, en los que la desmentida da las cartas. Así, la pasión, en tanto que movimiento libidinal objetualizante, se hace importante eslabón en la cadena del proceso civilizatorio y, por lo tanto, en la humanización del sujeto. Todo al revés, si los tiempos están bajo la égida de Narciso. Se discutirá, brevemente, el rol (des)estructurante de la pasión en la función simbolización de la pulsión. Se tratan las relaciones entre la verdad histórica y psíquica, dos de las metáforas posibles cuando se intenta comprender y aprender la realidad. Se considerará superficialmente la cuestión de la palabra encubridora, o sea, cuando esta no cumple su vocación como reveladora de la pulsión, convirtiéndose en discurso que sirve para encubrir un determinado momento pulsional, movimiento desorganizador que impacta las relaciones sujeto-objeto, tanto en lo individual como en lo social. Se discutirá, por fin, respecto a la lógica de un tiempo contemporáneo en el que las relaciones sujeto-objeto se encuentran matizadas excesivamente por la fuerza de las pasiones desplazadas en el sentido de Narciso.

Palabras clave: Pasión, simbolización, pulsión, Narciso, violencia, contemporáneo, verdad, cultura.

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é ser contemporâneo?* Curso de filosofia ministrado no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, tradução de Moisés Sbardelotto. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/22829-o-que-e-ser-contemporaneo-a-visao-de-giorgio-agamben>.
- Eizirik, C.L. (2008). Psicanálise em um mundo em transformação. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 15(1), 11-17.
- Faria, C.G. (2005). Uma breve introdução sobre o trauma. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12(1), 189-193.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp. 13-191). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 197-212). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1933). Por que a guerra? In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 236-259). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1938). A divisão do ego no processo de defesa. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 23, pp. 305-312). Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Green, A. (2010). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: *O trabalho do negativo*. Porto Alegre, Artmed, 1993.
- Ortega y Gasset, J. (1933). En torno a Galileo. In *Obras completas*. (Vol. 5, pp. 10-83). Madrid: Revista de Occidente, 1952.

Recebido em 17/06/2014

Aceito em 02/07/2014

Revisão técnica de **Suzana Iankilevich Golbert**

Carlos Augusto Ferrari Filho

Rua Tobias da Silva, 253/203

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: augustoferrari@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA